

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA<sup>1</sup>

Entrevistadora: Leticia Galvão Amadi  
Entrevistado/a: Rodrigo Antônio Faria Júnior  
São Paulo, 20 de maio de 2025  
Duração: 1 hora e 42 minutos<sup>2</sup>  
Local de realização: Casa da entrevistadora, Osasco - SP

---

### ENTREVISTA COM RODRIGO ANTONIO FARIA JUNIOR, O RU

Rodrigo Faria: E agora? Por onde começamos?

Leticia Galvão: Então, vamos tirando as fotos e eu vou fazendo as perguntas, pode ser? Uma coisa “meio” ao mesmo tempo?

Rodrigo Faria: *(risos)* Ao mesmo tempo?

Leticia Galvão: Cara, você é um cara multitarefa! Não vai ser nada que te faça “bugar”.

Rodrigo Faria: *(risos — repete cantando)* “Nada que me faça bugar.”

Todos: *(risos)*

Leticia Galvão: Enquanto você (Renan) ajusta os equipamentos, eu posso começar as perguntas?

Renan (fotógrafo): Sim.

Leticia Galvão: Primeiro, eu gostaria que você se apresentasse: onde nasceu, cresceu, quantos anos tem, informações básicas... Quem é o Ru?

Rodrigo Faria: Eu sou natural de São Joaquim da Barra, interior de São Paulo, cidade próxima de Franca — que é mais conhecida —, um pouco depois de Ribeirão Preto. São os pontos de referência mais fáceis de se encontrar no mapa. Mas eu só nasci lá. Com dez dias, eu já voltei. Minha mãe tava de nove meses e queria ir pra cidade dela, visitar a família, e eu fui com ela. Quando chegou lá, eu nasci. Foi tipo isso: só fui pra lá pra nascer mesmo.

---

<sup>1</sup> O estilo de transcrição escolhido se propôs a manter expressões informais utilizadas na comunicação oral, a fim de conservar a história e o sentido do entrevistado. Estas expressões serão mantidas com o uso das aspas.

<sup>2</sup> A entrevista foi realizada concomitantemente com um ensaio fotográfico. O fotógrafo em questão é o Renan Estevão dos Santos Júnior, namorado da entrevistadora e ex-aluno do entrevistado.

Os meus dois irmãos nasceram em Osasco, e eu nasci lá. E cresci aqui no Rio Pequeno. Me desenvolvi todo aqui. Estudei no colégio do lado, o Colégio Brasil-Japão, tudo na comunidade.

Minha família — a única família negra da rua inteira — era assim. A única família negra era a minha. E lá também tinha o Centro Espírita, que era na nossa própria casa. E tudo aconteceu ali mesmo.

Leticia Galvão: Você tem dois irmãos?

Rodrigo Faria: Tenho dois irmãos, o mais velho e o mais novo. Sou do meio. Sofri todas as consequências: apanhava por não cuidar do mais novo e apanhava porque o mais velho dizia que a culpa era minha.

Leticia Galvão: E seu apelido sempre foi Ru? De onde veio o Ru?

Rodrigo Faria: Não, meu apelido lá em casa é Juninho, porque tenho o nome do meu pai. Inclusive, minha mãe queria colocar meu nome de Luiz Fernando, mas ela teve um namorado com esse nome, e aí meu pai não deixou.

Aí minha mãe falou: “Ah, então escolhe o nome, você.” Aí ele colocou o próprio nome. *(risos)* Meu irmão mais velho é Cláudio, e o mais novo é Flávio.

Renan (fotógrafo): Então vamos lá, Ru. Como você quer fazer? Poses, cores?

Rodrigo Faria: Você que me diz.

Renan (fotógrafo): Eu vi algumas referências, pesquisei aqui, e vi que tons de bege e branco estão em tendência. Não sei se você tem coisas assim... Eu tenho algumas ali que acho que servem em você, se quiser.

Rodrigo Faria: Na real, o que eu queria mesmo é fugir um pouco disso.

Renan (fotógrafo): Tá, você quer algo mais “coloridão”?

Rodrigo Faria: Não, eu quero uma coisa que seja muito mais parecida comigo, num todo. Porque eu não quero, tipo... literalmente me vender por algo que eu não sou, entendeu?

Renan (fotógrafo): Então, no que você pensou?

Rodrigo Faria: A minha ideia é não ficar preso nas tendências, até porque as músicas que eu vou lançar agora não estão nessa “vibe” de tendência.

Essas tendências têm excluído muita gente, justamente por serem tendências. Se você não está nela, você tá fora. E eu quero provar que não.

Eu gosto de trabalhar com as pessoas, porque assim: você tem sua forma de trabalhar, e eu vi alguns trabalhos seus, fotos da Letícia, da Monik... Eu queria que você colocasse sua forma de trabalhar, independente.

Renan (fotógrafo): Tipo, eu entendo muito. Mesmo essas fotos que eu fiz delas, é um negócio muito de... o que elas esperam, e eu tentar fazer algo em cima disso. Não é completamente livre. Então eu preciso saber, tipo... se você quer algo que te represente, que seja você, eu preciso entender o que seria isso, pra eu conseguir fazer alguma coisa em cima, entende?

Rodrigo Faria: Entendi.

Renan (fotógrafo): Preciso saber o que você espera, o que você enxerga, o que acha que combina com aquilo que você vai fazer. Porque querendo ou não, eu não conheço suas músicas. Preciso entender pra onde seguir.

Rodrigo Faria: As minhas músicas... falam de amor. E todas de um amor que também é alegre. Pode parecer que não, mas eu sou uma pessoa alegre. *(risos)*

No meu trabalho, eu preciso ser um pouco mais sério, porque senão não consigo trabalhar. Então, às vezes, as pessoas me enxergam só desse jeito, mas eu não sou só isso. Tenho minha parte séria, sim, mas também sou muito descontraído. Então é isso: leve, descontraído, sabe? Um “marrudo”... mas tem que ser um “marrudo fake”, sabe?

Renan (fotógrafo): Tá. Então a gente pode fazer algo mais único. Aqui, pode sentar e olhar direto pra câmera.

*(seguem fazendo fotos por 6 minutos)*

Letícia Galvão: Enquanto ele (Renan) ajusta os equipamentos: quando foi seu primeiro contato com a música? O que você lembra de escutar quando era criança? Ou quem te apresentou esse mundo?

Rodrigo Faria: Na minha família sempre teve música. Acordava, alguém ia lavar a louça e já começava a cantar. Minha mãe começava, meu irmão mais velho também...

Normalmente eram músicas mais antigas, sertanejos, coisas assim. Às vezes minha mãe cantava algo que eu nem conhecia. O que mais me chamava atenção era a energia da casa quando começavam a cantar juntos. Um começava, o outro entrava também, e a coisa tomava outra dimensão. Meu pai chegava e ficava rodeando ali por perto... Mas ele não cantava. Meu pai não é de cantar.

Leticia Galvão:

Até hoje?

Rodrigo Faria:

É, até hoje. E a espiritualidade sempre esteve presente lá em casa, então não tem como dissociar minha mãe da música e da espiritualidade. Mas os pontos<sup>3</sup> não eram cantados em qualquer lugar, era só naquele momento sagrado mesmo. No dia a dia, era muito mais samba, músicas antigas... O samba, inclusive, veio por conta das rodas de samba em casa.

Meu pai foi mecânico a vida inteira, mas teve uma época que trabalhou na Perdigão. E sobrava muita carne que iam jogar fora, e aí o pessoal pegava.

Todo fim de semana tinha churrasco em casa. A galera levava bebida, rolava samba...

Leticia Galvão: Mas seu pai não tocava, nem cantava? Ele só sediava?

Rodrigo Faria: Não. Quem tocava era meu irmão mais velho — que hoje é bispo —, ele era do tambor.

Leticia Galvão: “Caraca”, ele é bispo?

Rodrigo Faria: Ele é bispo.

Renan (fotógrafo): Vamos fazer assim, Ru: esse braço, deixa um pouco mais solto... mantém a postura... pode abaixar um pouco... isso, e mantém o sorriso.

*(tiram fotos por mais alguns minutos)*

---

<sup>3</sup> Pontos de Umbanda são cânticos usados para invocar, homenagear ou despedir entidades espirituais, como orixás e guias, durante rituais.

Rodrigo Faria: Então era isso: tinham esses sambas em casa e eu comecei a tocar instrumentos de percussão, porque era mais fácil pra mim. Ficava olhando, entendendo o ritmo... Só não sabia tirar o som direitinho. Mas lá em casa também tinha um Atabaque. Então, quando a galera parava de tocar, era o momento que eu ia perguntar como fazia. De vez em quando, meu irmão mais velho me dava umas orientações: “Aprendeu? Agora vem cá. Olha aqui, tenta fazer assim...”

Então a parte musical veio disso.

Leticia Galvão: E o seu contato com o esporte foi nessa época também, né? Quando era criança?

Rodrigo Faria: Criança. Mas veio da rua. Brincava de corrida, empinava pipa, corria atrás de balão. A disputa, o objetivo final, veio disso. Subia no telhado pra pegar pipa, pulava na casa do vizinho, pulava muro, apertava campainha e saía correndo.. Brincadeiras de rua, todas que você imaginar: pega-pega, esconde-esconde, queimada... Tive uma infância muito ativa.

Leticia Galvão: Mas quando foi que você começou a treinar mesmo, o atletismo?

Rodrigo Faria: A treinar, foi com 12 anos.

Leticia Galvão: Conta um pouco do programa que te iniciou no atletismo. Foi lá na USP, não foi?

Rodrigo Faria: Foi. Mas pra eu chegar nesse programa... eu invadi a aula de educação física das minhas primas — tenho primas gêmeas. Eu tava vendo elas conversando com uma professora de educação física, que todo mundo gostava muito: a professora Fátima. Nesse dia, ela tava com um colchão, e eles tavam pulando nele. Tinha uma cordinha, e você pulava pra cair no colchão, tipo salto em distância. A aula já tinha acabado, minhas primas estavam ali conversando com ela, e eu pedi pra uma delas perguntar se eu podia pular uma vez. Ela deixou. Eu fui correr... a cordinha já tava longe, mas eu passei do colchão. Caí no chão mesmo. *(risos)* A professora falou: “Menino! Pega o nome dele, documento dele, agora! Vai ter um campeonato e vamos levar ele!”

Aí eu participei da competição do colégio. Era uma eliminatória. E eu classifiquei nesse campeonato...

Leticia Galvão: E você tinha 12 anos nessa época?

Rodrigo Faria: Eu tinha 12 anos, ou 11 pra 12 [...] Aí a professora viu que eu tinha muitos resultados bons e resolveu me levar. Então eu participei desse campeonato, fiquei em segundo lugar nesse Paulista. A primeira competição foi no Ibirapuera. [...]

A gente participou lá. Eu tentei a corrida, tentei o salto. Classifiquei no salto. Na corrida, eu ganhei minha bateria de 50 metros rasos. Achei que tinha classificado, mas no tempo total não deu. Aí fui pro salto em distância e fiquei em segundo lugar.

De lá, fui fazer o teste na USP — Projeto USP Xerox, Projeto Olímpico.

Rodrigo Faria: E aí foi que eu iniciei mesmo a minha carreira esportiva, com atletismo um pouco mais profissional, que é a federação.

Renan (fotógrafo): Quero que você mantenha aí agora, só que você vai estar sorrindo. Pode continuar olhando pra cá. Aí

Rodrigo Faria: Eu não posso rir muito... Porque não tenho dente aqui!

(todos rindo)

Letícia Galvão: Ele arruma no Photoshop!

Rodrigo Faria: Ah...Filha! Que isso!

Letícia Galvão: Você ficou nesse projeto até quando?

Rodrigo Faria: Fiquei até 97.

Letícia Galvão: Mas teve algum motivo pra você ter saído?

Rodrigo Faria: O projeto acabou. Descobri recentemente que [...] eu tinha uma história na cabeça, que era contada por várias pessoas, e no fim, não era isso.

Letícia Galvão: É? O quê? Conta a fofoca. (risos)

Rodrigo Faria: A fofoca era que a gente achava que o projeto tinha acabado porque iam reformar a pista. Então foi pedido para reformar a pista e esse dinheiro não chegou. E aí a pista nunca ficava pronta.[...] Todo mundo ansioso, mas nunca ficava pronta. Então a gente achava que o dinheiro tinha sido desviado e por isso o projeto acabou. Mas eu descobri que teve dinheiro desviado sim, só que não era o da pista. A “real” é que tinha

um contrato entre a Xerox e a USP [...] de início e de final desse projeto. Então quando chegou o final desse contrato, não houve renovação do contrato, e o projeto acabou.

Leticia Galvão: Então, em 1997 o projeto acaba. Você tinha quantos anos?

Rodrigo Faria: Tinha 16 anos.

Leticia Galvão: 16 anos. E aí você “largou” o atletismo?

Rodrigo Faria: Não, a maioria de nós foi transferida para outras equipes de São Paulo. Então, a maior parte foi para Guarulhos. E teve várias outras equipes onde as pessoas foram se inserindo. Tudo através dos técnicos. Só que a contrapartida foi continuar treinando com os mesmos técnicos. Não era você que podia escolher, eram os técnicos que escolhiam. Então foi isso que aconteceu [...]

Leticia Galvão: E você foi pra onde, então?

Rodrigo Faria: Eu fui pra Guarulhos, mas ainda treinava na USP. Treinava na USP e também no Ibirapuera [...]

Leticia Galvão: E a música, Ru, durante esse tempo, enquanto você treinava atletismo.

Rodrigo Faria: Eu tocava cavaquinho pra ficar menos nervoso, menos ansioso antes de competir, tocar era tipo um alívio. Nessa época eu já tinha um grupo — uns 3 ou 4 anos já — com amigos. Eram quatro pessoas só.

*(Pausa de 23 minutos para continuação do ensaio fotográfico, Ru pega o cavaquinho)*

Leticia Galvão: conta a história de uma das suas músicas, Ru.

Rodrigo Faria: Cara, são tantas histórias... Bom, a primeira música que eu fiz, eu lembro muito bem. Eu estava sofrendo pra caramba de amor. Eu era extremamente tímido e eu não sabia o que falar pra ela. Na verdade, pra ninguém. Mas especialmente pra ela. Juro por Deus, eu não lembro quem era a menina. (risos) Mas eu era extremamente apaixonado por alguém.

Leticia Galvão: Como assim “extremamente apaixonado por alguém” e não lembra da pessoa?

Rodrigo Faria: Eu fiquei velho, gente. Foram muitos amores. (risos)

Mas eu não lembro quem que era. Eu sei que eu tava muito apaixonado e sofrendo, porque eu lembro da história. Na verdade, eu conversava muito com ela, mas ela ficou com um amigo. E aí era isso. Eu sofri muito. Ai eu fiz (a música) como se eu estivesse com ela, porque, na verdade, eu me sentia como se estivesse. Então eu criei uma história fictícia... Era assim:

*cantando*

*Não sei porque você me deixou, você era tudo o que eu sonhei pra mim*

*Meu coração só pede por favor, não faz assim*

*Eu estou sofrendo muito, e vejo a falta que você me faz*

*Eu estou muito carente, mas não te quero mais*

*Vou sair... Agora vou sair por aí, vou procurar uma nova paixão,*

*um alguém que me faça feliz, que não maltrate o meu coração*

*Eu gostava muito de você, mas você não me deu valor*

*Agora o que eu quero mesmo, é um novo amor, vou sair*

Leticia Galvão: Uau! Aí sim

Rodrigo Faria: É muito louco. Essa música é antiga. Essa música é muito antiga. Eu tinha, sei lá, uns 15 anos.

Leticia Galvão: Tá. Agora eu não vou te julgar tanto por você não lembrar o nome da menina.

Rodrigo Faria: Então eu tenho 44, gente. Pode não parecer, mas eu tenho 44. Então são o quê? 30 anos? É isso aí.

Rodrigo Faria: Tem uma música também que eu não vou gravar agora. Mas eu tinha conhecido uma menina que fazia parte de um grupo... Precisa falar o nome do grupo? É... “de cara nova” Pronto falei... enfim... Tinha um menino que era casado, tá? Agora não dá pra trabalhar com nomes. E aí a gente saiu e tal e ele levou essa menina.

Leticia Galvão: A esposa dele?

Rodrigo Faria: Não...

Leticia Galvão: Ahh entendi, saquei!

Rodrigo Faria: Aí ele levou essa menina. A gente virou muito amigo, muito parceiro, muito, muito, muito. E eu já fiquei com dó. Já conheci e já... puta merda, né? Tipo... ela não, mano, sabe? Ela não, pelo fato de eu conhecer um pouco da essência na primeira conversa. E aí essa menina foi e me convidou pra ir num samba. E essa menina levou uma amiga no pagode nosso, lá no Pinheiros, no Capela B. Eu olhei pra menina e fiquei apaixonado à primeira vista, a menina entrou, eu falei: é ela.

Leticia Galvão: Você já era mais velho?

Rodrigo Faria: Uns 10 anos atrás [...] Aí, cara... fiquei apaixonado pela menina. E queria muito, muito, mas muito.

Sabe o que é muito? Todo mundo chegava perto da menina e eu tava em cima do palco. Aí eu falava pros caras: "Ei, ei, ei... psiu... aí não, aí não... pode sair fora." E a menina não entendia nada, porque eu não tinha conversado com ela ainda. Não era nem eu que tava cantando. Aí eu pegava o intervalo da fala do cantor e falava: "Ei... aí não." (risos) Acabou o pagode... eu nunca larguei meu instrumento, sempre guardava tudo bonitinho. Depois ia falar com quem tivesse que falar. Aí esse dia... eu acabei e fui falar direto com essa menina. A gente dançou, pagode, juntinho, bem assim... "Nossa, você dança legal", "Nossa, que bom dançar com você, porque você é alta..." Ela é alta mesmo. "Que bom que você é alta, não precisa ficar baixando..." Aí fui fazendo uns passos, ela adorou. A gente ficou conversando... e aí eu não consegui falar com ela o que eu precisava falar. Não consegui. Aí peguei o telefone dela... mentira! Não peguei!

Eu falei: depois eu pego com a amiga dela... E aí eu fui embora. Cheguei em casa e não consegui dormir. Aí eu fui peguei o cavaquinho e fiz essa música:

*(cantando e tocando)*

*Eu não queria ir embora sem me despedir*

*te conhecer confesso foi muito legal*

*o teu olhar te entregava me dizendo sim*  
*posso até ter cometido um erro fatal*  
*fui embora, e agora, só penso em você*  
*mas não se preocupe logo dou um jeito de te ver*  
*conversava ao pé do ouvido e o meu coração*  
*batia acelerado e cada vez mais forte*  
*Dançamos bem gostoso naquela canção*  
*A noite tem amor ou eu tenho sorte*  
*Na roda de amigos a gente trocava olhares*  
*Eu vi em você todos os detalhes.*  
*Os sinais que você me mandou, ficaram no ar*  
*Eu tive que ir embora. Sem te beijar*  
*E hoje, eu te procuro e sei que vou te encontrar...*  
*Na esperança de poder alcançar, enfim o que ficou no ar*

Leticia Galvão: Mas você encontrou ela depois?

Rodrigo Faria: Encontrei. É minha irmã de santo... E aí ela me convidou pra uma festa espírita. E eu fui conversar com ela no centro espírita. E aí me chamou nesse dia pra conversar com uma entidade. E a entidade falou pra mim que eu tinha uma estrela brilhante, que eu tinha que conversar com a mãe de santo. E aí eu conversei com a mãe de santo, chorei um monte, porque a minha mãe estava presente. A mãe (de santo) sempre conversava comigo, olhando pra ela (mãe biológica). Ela jogou carta pra mim e entendeu que a minha mãe tava me passando pra ela, pra ela cuidar de mim. Então, a minha mãe que fez esse rolê todo, me fez encontrar com essa pessoa, possivelmente pra essa pessoa poder me levar lá (no centro espírita)

Leticia Galvão: ah, então eu conheço esses personagens! *risos*

Rodrigo Faria: Uma coisa muito legal que acabou acontecendo comigo é que... Eu tinha muitas músicas. E eu já tinha composto mais de 100 músicas. E aí eu comecei a perceber que minhas músicas estavam muito iguais. E eu sempre falava muito das mesmas coisas. De forma muito parecida. Sempre amor, sempre usando muitas das mesmas palavras. Aí eu comecei a ler mais. E comecei a tocar outros tipos de música, tipo mais MPB, sabe?

Leticia Galvão: E já indo pro terreiro? Tocando no terreiro...

Rodrigo Faria: Não, isso foi antes.

Rodrigo Faria: E aí eu comecei a dar uma modificada justamente na minha composição. Cara, foi quando eu decidi. Eu decidi, realmente, jogar todas as minhas músicas fora. A maior parte, assim, das minhas músicas, eu realmente abandonei. Joguei tudo fora, porque eu tava fazendo tudo de forma fictícia. Inventando histórias, inventando temas. E eu decidi não fazer mais isso. Então, joguei minhas músicas fora e comecei a escrever só sobre verdades. E aí eu comecei a escrever mais sobre mim. Ou sobre histórias reais de outras pessoas. E agora eu tô trabalhando, literalmente, só com a verdade na música. Então, as minhas composições, essas de agora, literalmente, elas têm uma história.

Leticia Galvão: Então, quando você decidiu que ia viver essa vida de atleta e de músico?

Rodrigo Faria: Na verdade, eu não decidi nada. A única coisa que eu decidi é que eu não queria que as pessoas dissessem pra mim o que eu tenho ou não que fazer. Então, por exemplo, eu jogava futebol, fazia atletismo e jogava basquete, tudo ao mesmo tempo.

Leticia Galvão: E tocava?

Rodrigo Faria: Tocava, mas como era à noite, final de semana à noite, então não atrapalhava.

Leticia Galvão: Você vê alguma relação entre arte e esporte?

Rodrigo Faria: Todas possíveis. O esporte, pra mim, é um tipo de arte.

Literalmente, um tipo de arte. Acho que é uma vertente da arte. Todos os movimentos, de todas as modalidades esportivas são literalmente artísticos.

Leticia Galvão: Então, pra você o esporte é uma vertente da arte?

Rodrigo Faria: Acho que sim. E é como eu tava falando, que todos os movimentos esportivos são uma forma de expressar pra poder chegar no potencial, mas também acho que é um tipo de arte. Entendeu? Tipo, sei lá, arco e flecha. A pessoa faz esse movimento assim, sabe? Então esse movimento, o que ele expressa, é um movimento de arte. Então, sei lá, já que flecha de um índio tentando acertar um peixe. Também é um movimento cultural, entende?

Leticia Galvão: Então nos lançamentos, nos saltos, nas corridas, você vê alguma forma de expressão também?

Rodrigo Faria: Eu acho que sim. Talvez uma questão pessoal é que eu acho que literalmente é a maneira que cada pessoa corre reflete quem ela é. Tem gente que corre com a mão fechada, tem gente que corre com a mão aberta. Tem gente que corre um pouco mais encurvado, gente que corre mais postado. Tem gente que corre mais arqueado. Então, se você for olhar os movimentos, cada um tem sua forma. Tem gente que é mais forte, então corre com o braço mais aberto. Tem gente que é mais esguio, literalmente, o braço fica mais retinho. Tem gente que corre menor, tem gente que corre maior. Todos esses movimentos, eu acho que eles cabem bem dentro disso, dessa forma de expressão.

Leticia Galvão: E dá pra viver sem arte?

Rodrigo Faria: Não. Não dá pra viver sem arte, não dá pra viver sem música [...] E não dá pra viver sem espiritualidade, mesmo que você não a vivencie. Ela tá lá. Você queira ou não, ela tá lá. Quando eu falo também sobre espiritualidade, não estou falando sobre um lugar. Então, não importa se você vai na igreja, se você vai no templo budista, se você vai em uma casa de Umbanda ou Candomblé, eu acho que você tem que fazer o bem. E fazer o bem, é parte da espiritualidade.

Leticia Galvão: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar? Alguma história?

Rodrigo Faria: Obrigado [...] não é só quando a gente... Quando alguém faz algo por alguém. Obrigado, é , literalmente, um agradecimento ao Universo por esses encontros. Se eu não tivesse desistido, entre aspas, de ter sido atleta, se eu não tivesse virado professor tão cedo. Se eu não virasse professor, eu talvez não tivesse entrado na USP para ser técnico de algumas equipe. Se eu não tivesse migrado do basquete pro atletismo, eu não teria conhecido vocês. Se vocês não tivessem entrado na faculdade, se vocês não tivessem tido a oportunidade de ter contato com as pessoas que tiveram... Que falaram pra vocês sobre o atletismo, a gente não teria se conhecido. Fora as outras coisas, que eu já dei uma boa resumida. Mas esse encontro não teria acontecido. Então, obrigado. Tem uma música que fala, “obrigado por você existir, amigo”. Que se chama, literalmente, “A amizade”. Que é, literalmente, sobre isso. Então é isso obrigado por você existir, obrigado.

Leticia Galvão: Que lindo.

Rodrigo Faria: Cara, eu sou poeta, nem sabia. (risos)